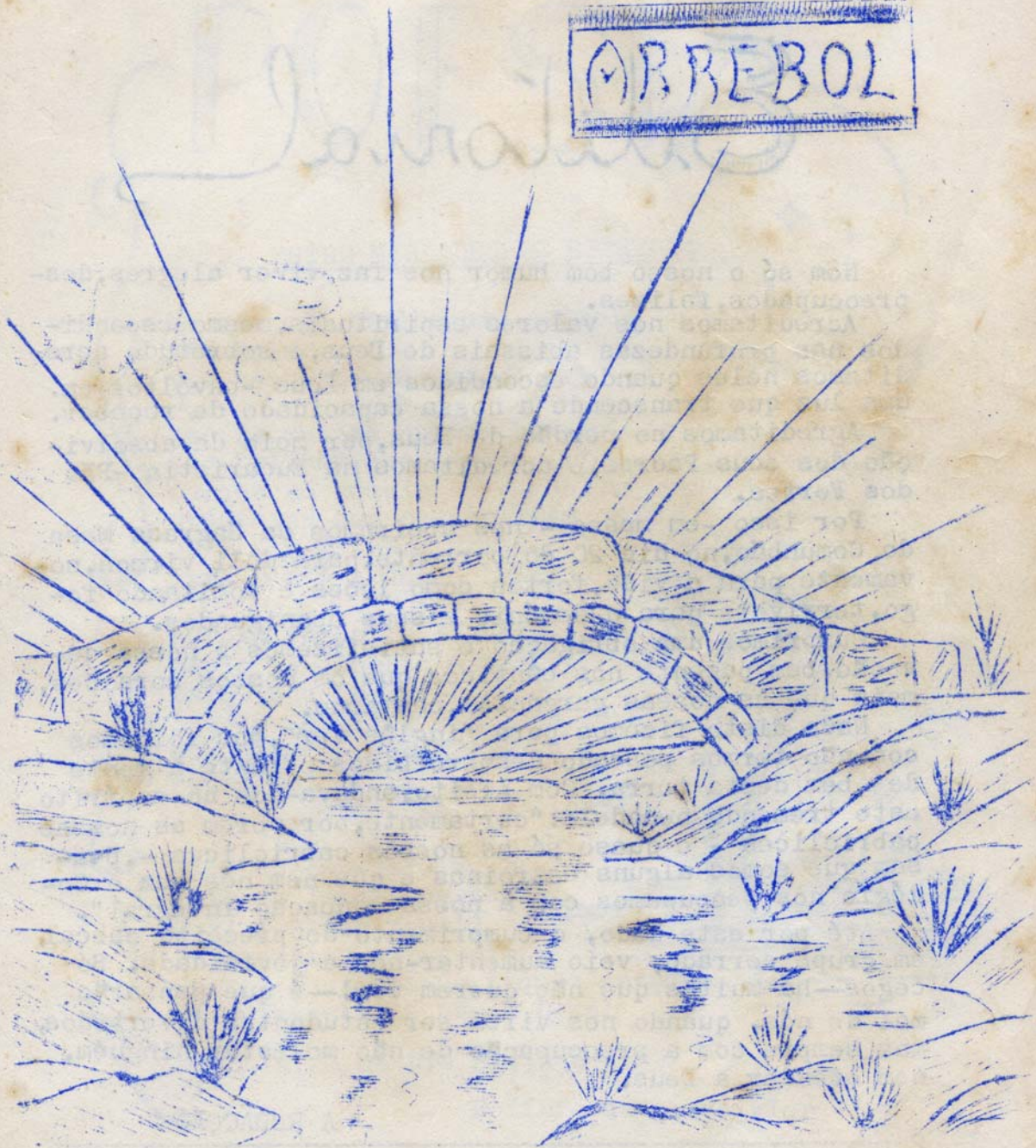


ARREBOL



Editorial

Nem só o nosso bom humor nos faz viver alegres, des-
preocupados, felizes.

Acreditamos nos valores espirituais, mesmo escondi-
dos nas profundezas abissais de Deus, e sobretudo acre-
ditamos neles quando escondidos em Deus -envoltos em
uma luz que transcende a nossa capacidade de receber.

Acreditamos no perdão de Deus, por meio da absolvi-
ção dos seus Padres, e acreditamos na Eucaristia -Pão
dos Fortes.

Por isso -em massa - nos abeiramos da Sagrada Mesa
da Comunhão, no dia 20 do corrente, para dali virmos, no-
vamente para a vida, fortes como leões e vomitando fo-
go, terríveis para o demônio e seus apaniguados.

Cumprimos uma obrigação e satisfizemos a nossa de-
voção, bem patente nos cânticos que os nossos corações,
mais que as nossas gargantas, cantaram.

Nada disto fizemos para "inglês ver", mas folgamos
com não termos passado despercebidos perante a gente
de bem desta terra. Com efeito, andava-nos no espírito
este tremendo pesadelo: "certamente, por verem as nossas
cabriolices - e quase só as nossas cabriolices -, pen-
sam que somos alguns estroinas e que nem nós nem o Co-
légio nos preocupamos com a nossa educação integral".

Até por este lado, o cumprimento do preceito pascal,
em grupo cerrado, veio aumentar-nos a jovialdade. Só
cegos—há muitos que não querem ver!—é que pensarão
mal de nós, quando nos virem ser estudantes divertidos,
mas sempre com a preocupação de não molestar ninguém,
nem ofender a Deus.

A REDACÇÃO

POESIAS

ENTRE MIRIADES DE ESTRELAS

No meu céu, brilha uma estrela
tão bela...
que sonho ao vê-la!

Mas, se muitas outras há
que brilham, que também fito,
porque só aquela
pequenina que sempre fixa está
para mim é luz e grito,
para mim é a única bela?

Aurora, na noite escura,
oásis no deserto extenso,
barquinho no mar perdido,
luz que a minha vingança cura,
que olho com amor imenso,
-Quem és?

-Novo sol nascido?

Flor do céu-jardim,
guia de longos passados
(Oh! pecados meus!)
Raios caiam sobre mim,
A terra e os homens fiquem parados,
Se esta estrela não é Deus!

Nampula, 20 de Março de 1955

Políbio da Silva Flor

AO DESTINO

Ó tu, cruel e pérfido destino,
Não mais persigas minha triste vida;
Deixa-me livre esta gloriosa ida,
mesmo quando deixar de ser peregrino.

Ó tu, cruel e pérfido destino,
que me persegues desde a linda ermida,
onde viste minha alma ao céu erguida,
és injusto e de eterna pena digno.

Ó tu, cruel e pérfido destino,
Esta criatura boa deixa em paz.
De um inocente, belo e são menino.

Ó tu, cruel e pérfido destino,
Podes impor-me tudo o que te apraz,
Se ao inferno mandares teu duro signo!

FERNANDO GIL

SONETO IMPERFEITO

Canta, meu coração, o teu viver
Magoado e triste e fúnebre, que eu olvido
Aquilo que me resta no sentido,
Até quando acabar de perecer...

.....
E canta aquelas raras alegrias,
Porque eu raras te dava a conhecer
.....

Nas mil e uma noite e tantos dias
Que não podes nem queres esquecer...
Canta, canta, minha alma, até morrer!

Bráulio da Silva Flor
(5º ano)

O marrwe dos caminhos

Noite velha no bosque. É preciso um facão-de-mato para cortar o caminho através da treva e do nevoeiro. Nem uma folha bole na natureza estagnada. De longe em longe, só o pingo de nevoeiro, acumulado na ramagem das árvores, quebra o silêncio ao bater nas folhas secas do chão.

De repente, porém, ouvem-se vozes medonhas de duas aves nocturnas. Uma falava grosso, outro fininho, como uma criança ao pé de um homem velho. Era o marrwe -noitibó- que contava as suas mágoas a um corujão enorme.

-Não posso ver olhos mais luminosos que os meus. E aqueles andarilhos que se metem nos nossos caminhos e nos nossos reinos trazem uns olhos mais acesos que o sol que nós não podemos ver!

-Exagero! Exagero, marrwe amigo! E, depois, é loucura querer fazer frente a esses poderosos e nobres caminheiros que avançam sempre, sempre..., mesmo por sobre as noitibós e os corujões teimosos.

-Não é teimosia! É brio, é desejo de ser grande, são ganas de não nos deixarmos suplantados por intrusos da última hora.

-Alguns de nós também pensam como vós e, como vós, se põem no meio dos caminhos para enfrentar os dos olhos grandes e para lhes barrar a passagem.

-Esses, sim! Fossem todos como eles, e...

O corujão riu-se com um risinho amarelo e disse:

-Se fossem todos como ele, já todos se teriam suicidado contra a dura e alevantada testa desses gigantes. Mas ainda há, entre nós, quem pense que cada um, com os seus olhos, pode ver muita coisa, pode ver tudo o que lhe é preciso para bem viver. (Do livro inédito "Como os Contos de António Boto", de Pedro Correia).

UM RETRATO

Quando se avista, uma bicicleta, ao longe, a andar sòzinha, já se sabe que lá vem o nosso herói. Toda a gente se assusta, ao ver uma bicicleta sem ninguém. Mas, mal a bicicleta se aproxima, todos se tranquilizam: Vem uma agulha em cima dela.

Primeiramente, vou falar do seu físico: é alto, terrivelmente alto, alto ao cubo. É magro, de tal maneira magro que parece uma linha. Ao andar, parte-se todo, de tal modo é flexível. A cabeça pequena e bem rechada... Os olhos ligeiramente míopes: de vez em quando, anda com óculos.

E, sobre a parte física, parece-me que já falei do essencial.

Seu livro predilecto: Carlota de Werther; seus clubes predilectos: — Niassa, Desportivo e Ateneu Grego; seus países predilectos: África do Sul e Brasil; sua língua predilecta: o Inglês.

Manias: Discutir política nos intervalos das aulas: ataques cerrados, aos comunistas, e elevação, ao infinito, das virtudes sul-africanas. Dis-

(cordância absoluta com a política ra-
cista dos Ingleses.)

) Falar em clubes: Niassa e suas
(realizações, construções e competi-
ções; Ateneu Grego e as suas salas;
Desportivo:— "Tem a melhor piscina
de Moçambique e é o melhor clube do
Império. É filial do Benfica. Por is-
so, não sei se hei-de ser adepto do
Benfica ou do Sporting. Bem, serei
do que ganhar o campeonato.)

(Convencido de que tudo o que há
na Metropole (que nunca viu nem há-
de ver) é inferior ao que se encontra
(em Moçambique, vai ao ponto de que-
rer comparar L. Marques com Lisboa.)

◇ Indigna-se ao último grau, quando
o lhe dizem que Moçambique sofre as in-
fluências dos sul-africanos, sob o
(ponto de vista "racismo". É capaz de
(estar duas horas a discutir sobre o
assunto, sem convencer ninguém. Por
isso, acaba sempre as discussões em
que se mete, com: "não vale a pena
discutir com ignorantes" (como se sou-
besse alguma coisa).)

) Caros leitores, é isto um esboço,
(mais que incompleto, dum rapaz que
anda no meio de nós, (sem dificuldade)
pois é bastante magro), que todos es-
timamos e com o qual todos gostam de
(discutir (só para o arreliar, é claro).)

(And, now, I finished my work. Till
(tomorrow Mr.....)

AMEAÇAS DE MORTE

Margarida era filha do multi-milionário Douglas. Como era filha única, satisfaziam-lhe todas as birras e todos os desejos.

No dia 24, à tarde, saíra ela de coche, do palácio e seguia a toda a pressa pelas grandes avenidas de Paris.

Marchavam à dita velocidade, quando, de repente, se deu um desastre imprevisto: o cavalo, a galope, tropeçara numa corda esticada de lado a lado da estrada e partira as duas patas da frente. Na confusão que se seguiu ao desastre, alguns curiosos, que se tinham aproximado repararam num ferimento que Margarida tinha na cabeça e prontificaram-se a levá-la à enfermaria mais próxima.

Metida a menina num soberbo "Jaguar" preto partiram a toda a velocidade para a enfermaria mais próxima.

Quem tivesse seguido o carro veria, que, na verdade, este se dirigiu à enfermaria, mas que passou à sua frente e seguiu avenida fora... sem parar.

Depois de transportado o cavalo e a carruagem para o palácio do milionário, a família de Margarida seguiu de carro para a enfermaria, onde a menina devia estar.

Quando lá chegaram e lhes deram a notícia de que não tinha dado baixa à enfermaria naquela tarde nenhuma jovem, o milionário, desesperado, depois de ter telefonado a todas as outras enfermarias e hospitais, teve de se convencer da triste verdade: a sua querida Margarida tinha sido raptada.

Feita queixa à polícia e contratado um detective particular para averiguar o paradeiro de Margarida, só havia uma coisa a fazer: esperar que os raptadores dessem sinal de si. Esse sinal não se fez esperar muito e, à tarde do dia 26, recebia-se no palácio uma carta dos

bandidos a dizer que, caso não fosse encontrado na caixa postal 1.111 uma carta do milionário contendo um cheque ao portador de 1.000.000 de francos, Margarida seria encontrada morta na barreira "X".

O milionário apressou-se a pagar a quantia determinada e, na noite do dia 27, viu-se um carro preto, com a chapa tapada, a toda a velocidade, dirigir-se para o palácio do milionário Douglas. Sem abrandar a velocidade, freou em frente do dito palácio, saindo da cabine uma rapariga a correr que se dirigiu para o edifício. Mal a rapariga saiu do carro, este arrancou a uma velocidade impressionante, misturando-se com os outros veículos que compunham o trânsito de Paris.

No outro dia, todos os jornais da grande capital francesa, publicavam na primeira página, acompanhado do respectivo retrato, a notícia sensacional do aparecimento da jovem Margarida, filha do multi-milionário Douglas.

Honrados ladrões!

AMILCAR ANDRADE
(4º Ano)

FORMAÇÃO INTELECTUAL

P Para uma boa educação intelectual é necessário um entranhado amor à verdade, o qual se dá a conhecer pelo desejo ardente de a possuir inteira e perfeitamente, quanto possível for, em todos os ramos de conhecimentos humanos. Este amor da verdade, indispensável a quem de seja ser homem de fé, de ciência e de convicções sólidas, é uma obrigação moral, e produz no organismo social os mais relevantes frutos, dos quais não é menor nem menos precioso o acabar com uma pretendida liberdade de pensamento, tão errónea como degradante para a natureza racional.

De "EDUCAÇÃO"
P. A. DE MENESES

ADIVINHA: Seis romanos, cem portugueses sem a perna de um e metade da cabeça de um francês dá um Português.

O propósito de uma exposição

Está enganado o Sr. Rui Calçada Bastos, quando diz que, na capital do Norte, não há gente capaz de apreciar a sua pintura. Pode é dizer que, em meio da tarefa dura que levamos para florir cidades e civilizações neste mato imenso e cheio de magia, não há lugar onde receber os pires que comprariam modernistas às carra-das.

Talvez, em conformidade com este seu pensar, é que se atreveu a ser tão pouco elegante na maneira de expor trabalhos colados à parede com adesivo, estudos em papel de máquina, etc., etc. Para Nampula qualquer coisa serviria...

Dos trabalhos expostos, os desenhos foram os que mais me agradaram.

Tenho, no entanto, de dizer que gostei de "Velada", apesar de o achar demasiado ao primitivo e cheio de erros de técnica, bem como de "Palhaços", onde o pincel poisou com incerteza. Dos outros óleos sou a dizer que "Cavalos", possivelmente considerado pelo autor a sua obra prima ou quase, nunca deveria ser exposto, pelo desmazelo de execução que revela, e, de forma nenhuma, na moldura leprosa que o enquadrava. Ao ver os pés de "Missionário"—o que estava atrás da porta—, lembrei que ficaria completo, se tivesse ao fundo as palavras dos livros da Escritura—"Bem-aventurados os pés que evangelizam a paz e o bem!" "Contorcionista" e "Loja" não é linguagem que leigos possam entender... (Em pobreza de cores!).—Os retratos têm a suficiente parecença com os modelos, sem lhes fixar as idades. Parecem até reproduzir bem a psicologia do Luiz Manuel Castelo e do Carlos Matos. Mas foram feitos sem preocupação algu-

10

ma de luz e sombra.

Creio bem que nos desenhos é que se situam os melhores trabalhos apresentados pelo artista.

"Barco no porto", "Catedral", "Tocador" são belos apontamentos. "Marcha" tem um título que não está à altura do belo conjunto que bem merecia o título de "Bandeirantes". Esboço cheio de movimento, ao contrário dos óleos que são todos parados e marasmáticos. "Crucificado" e "Estudo para o quadro "Cristo" estão muito bem como estudos anatómicos, talvez para "Um Cristo Vivo na Cruz!" "Soldados" é um desenho cheio de expressão, mas é pena apresentarem-se as figuras mutiladas e cercadas de uns riscos cabalísticos indecifráveis. "Riquechow", "Táxis de Moçambique" (demasiado prosaísmo nos títulos) e "Lancha" não merecem menção especial. "Missionário", "Freira" e "Ceia" notáveis pelo aspecto trocista e ridículo em os figurantes (1) "Freiras" é um conjunto interessante, mas passaria melhor com o título "Bruxas". "Peixeira" não precisaria de usar garras para falar da sua ganância. Pintores como Malhoa não deitariam mão a estes recursos (...) para espiritualizar as figuras. "Guerra de Meninos" tem movimento, mas é exagerado quanto ao número e peso das armas. "Capinando", interessante pelo modo como dá curvatura do corpo e a saliência dos músculos do dorso. Os outros são de valor nulo ou quase e indignos de nota e de comentários.

Da exposição, vim com uma impressão de frieza e melancolia: aquilo era mais ambiente de laboratório de doenças psicológicas—passe o termo!— do que uma exposição de beleza.

Pensei, no entanto, que esta exposição de Rui Calçada Bastos teve o mérito de encorajar outros artistas a ir dando, de vez em quando, uma lição de arte a Nampula.

O. Pyna Ks

Nampula, 26 de Março de 1955

(1) Este período corrige-se assim: "M., F., C." notáveis pelo aspecto trocista e ridículo em que coloca os figurantes.

Uma festa

ARRABOL

Série III --Número 5
27 de Março de 1955
DIRECTOR: Arnaldo de
Freitas Leal

EDITOR: Fernando da Sil-
va Inácio Gil
ADMINISTRADOR: Rui de
Bivar Pinto Lopes

REDACÇÃO: Colégio-Liceu
Vasco da Gama

- N A M P U L A -

(Ilustrações de António
da Silva Coelho)

♦ Sumário

| | |
|--------------------|----|
| EDITORIAL..... | 2 |
| POESIA | 3 |
| O MARRWE | 5 |
| RETRATO | 6 |
| AMEAÇAS | 8 |
| UMA EXPOSIÇÃO..... | 10 |

Vem atrasada a crónica, mas não faz mal, pois mais nos interessa relatar o que dela pensaram as multidões do que, prriamente, o que ela foi. Isso ficou visto e está relatado no programa".

Foi a festa do Papa, no dia 13 do corrente.

Dos oradores—Rev.^{mo} Senhor P. Soares e Senhor Feliciano Pereira—já disseram muito, e com justiça, os jornais diários. Os seus discursos foram muito falados. Sobretudo o segundo, por se prender com o real da vida e porque, infelizmente, nem todos pensam cristãmente, foi contradito. Bom sinal; Cristo também foi contradito. —As poesias, que foram em louvor do Papa, não pelo assunto, mas por serem arte dedicada à Sua Grandeza, foram muito apreciadas. Falou-se do Cândido Mabica, do José Manuel dos Santos e dos Outros. Ouviu-se sobretudo falar do Howell de Mendonça. De seu à-vontade, da sua voz timbrada e forte e apropriada. À linda poesia que um brasileiro escreveu, em caboclo, para exaltação da sua Pátria.—Da música basta dizer que se falou em "Orfeão Académico", etc.